

40 anos de Estética da Recepção: pesquisas e desdobra- mentos nos meios de comunicação

Jorge Luiz Cunha Cardoso Filho

4

Mestre em Comunicação e
Cultura Contemporâneas - UFBA.
Doutorando em Comunicação e
Sociabilidade - UFMG. Bolsista
CAPES. Pesquisador dos grupos
Poéticas da Experiência e Mídia
& *Música Popular Massiva*.
E-mail: jcunha@fafich.ufmg.br

NABSTRACTRESUMORESUMENABSTRACR

resumo	<p>Este artigo tem como objetivo proporcionar uma revisão das teorias e hipóteses metodológicas mais recentes e relevantes no âmbito da pesquisa em recepção, sobretudo daquelas que enxergam a possibilidade de identificar esta ação a partir do próprio texto. Concentramos nossa atenção nos desenvolvimentos do movimento conhecido como Estética da Recepção e construídos ou aplicados no estudo dos meios e produtos da comunicação.</p> <p>Palavras-chave: Estética da Recepção; Metodologia; Meios e produtos da comunicação.</p>
abstract	<p>This article aims to make a revision of most relevant and recent theories and methodological hypothesis on the reception research, in particular those that believe it is possible to understand reception through the structures of the text. We focus our attention in the developments of the Reception Aesthetics constructed or applied in the studies of Media and communication products.</p> <p>Keywords: Reception Aesthetics; Methodology; Media and communication products.</p>
resumen	<p>Este artículo tiene como objetivo proporcionar una revisión de las teorías e hipótesis metodológicas más recientes y relevantes en el ámbito de la pesquisa en recepción, sobre todo de aquellas que ven la posibilidad de identificar esta acción a partir del propio texto. Concentramos nuestra atención en los desarrollos del movimiento conocido como Estéticas de la Recepción, construídos o aplicados en el estudio de los medios y productos de la comunicación.</p> <p>Palabras-clave: Estética de la Recepción; Metodología; Medios y productos de la comunicación.</p>

1

Duas revisões são bastante esclarecedoras para a compreensão das propostas e conseqüências da Estética da Recepção: a apresentação de João Cezar Rocha (1998), em *Corpo e forma*, e o prefácio da segunda edição de *A literatura e o leitor*, de Luiz Costa Lima (2002). O livro *Estética da recepção e história da literatura* (1989), de Regina Zillberman, também apresenta um panorama bastante didático das propostas da escola.

Passados 40 anos desde a aula inaugural de Hans Robert Jauss na Universidade de Constança, *Was ist und zu welchem Ende studiert man Literaturgeschichte?* (O que é e com que finalidade se estuda História da Literatura?), os desenvolvimentos da conhecida Estética da Recepção no Brasil são ainda diminutos, como apontam Costa Lima (2002) e Rocha (1998). Os avanços metodológicos desenvolvidos a partir das propostas do próprio Jauss são pouco conhecidos, o que restringe o escopo bibliográfico às produções de Wolfgang Iser – autor do texto *Die Appellstruktur der Texte* (1970) e dos mais recentes *Prospecting: from reader response to literary anthropology* (1993), *The range of interpretation* (2000), entre outros.

O furor inicial com que as propostas da escola de Constança foram incorporadas às reflexões no espaço acadêmico brasileiro (Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul como principais destaques) foi paulatinamente perdendo o fôlego, sobretudo quando contrastado ao surgimento dos estudos culturais (e sua ênfase no processo de resistência ideológica frente aos textos) e ao desconstrutivismo. Também pela dificuldade de tradução das obras originais em língua alemã. Quando, em 1979, Luiz Costa Lima organiza a primeira edição de *A literatura e o leitor*, colocando no prefácio toda a esperança no projeto de uma teoria literária que se preocupasse com os leitores – daí o título *O leitor demanda (d)a literatura* – a Estética da Recepção parecia desfrutar do *status* que hoje é concedido àquelas perspectivas.

Os motivos da esperança na proposta da escola residiam numa dupla argumentação, segundo Costa Lima (2002): apresentação de um fundamento da teoria da arte e da literatura no qual a experiência estética ocupava posição privilegiada e a ausência, no contexto brasileiro, de estudos de estética consolidados – o que facilitaria o desenvolvimento das teses no espaço acadêmico. Contrapondo-se ao marxismo e à idéia de teoria do reflexo por um lado, bem como ao formalismo e sua ênfase no estudo exclusivo das obras, por outro, parecia bastante viável apresentar aos pesquisadores brasileiros o que propunham Jauss e Iser¹.

Sem pretender reconstruir todo o desenvolvimento das teses dos dois autores, nosso objetivo é rastrear as principais apropriações das propostas da escola de Constança no seu viés mais metodológico, principalmente, nos desdobramentos das distinções entre efeito e recepção, horizonte de expectativas dos textos e dos leitores e, fundamentalmente, do jogo de pergunta e resposta que se estabelece entres estes e aqueles.

Nosso interesse é, sobretudo, extrapolar o recorte “literário” feito pelos fundadores do movimento e compreender de que maneira os desenvolvimentos metodológicos são eficazes para pensar os *media* e seus produtos na interlocução com o público. Essa busca se fundamenta na hipótese segundo a qual os mais variados produtos da cultura mediática dependem de disposições dos indivíduos que per-

cebem para se constituírem como manifestações expressivas e, nesse sentido, podem ser explorados a partir das propostas da escola de Constança.

Recepção, efeito e as bases da teoria estético-recepcional

Ambos os métodos, o formalista e o marxista, ignoram o leitor em seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem, primordialmente, a obra literária visa. (JAUSS, 1994, p. 23)

Deslocando o cerne das reflexões da obra para o leitor, Jauss pauta a condição matricial da experiência literária. Trata-se de uma ação (executada, portanto, por um sujeito que percebe) que liberta o texto da matéria das palavras, conferindo existência atual. Essa ação do leitor, entretanto, não é um mero fenômeno psicológico, desenvolve-se por intermédio de avisos, de pistas fornecidas pela obra e pelo contexto de seu surgimento, de modo que é mais correto caracterizá-la como uma *relação*. As características da relação que se estabelece entre a obra literária e seus leitores variam a depender do quadro teórico que assumimos como primordial. Em Jauss, o fundamental é recobrar a historicidade do fenômeno: Já em Iser, o foco é estabelecer o tipo de interação que a obra mantém com o leitor durante a leitura. No primeiro, observa-se a preocupação com a recepção e, no segundo, com o efeito.

Revisando as colocações da aula inaugural em Constança, em *A estética da recepção: colocações gerais* (2002), Jauss deixa explícita a necessidade de distinguir dois modos de *recepção*: o primeiro seria o processo em que se concretizam os efeitos e o significado para o leitor contemporâneo da obra. O segundo diria respeito ao processo histórico pelo qual o texto é recebido e interpretado pelos leitores diversos. Esse movimento permite ao autor estabelecer um elo mais consistente com as teorias que vinham sendo desenvolvidas por Wolfgang Iser – que se caracterizavam, sobretudo, pelo acentuado grau de exame do ato de leitura – e dar um passo substancial na construção de um procedimento de análise das relações entre texto e leitor.

A aplicação, portanto, deve ter por finalidade comparar o efeito atual de uma obra de arte com o desenvolvimento histórico de sua experiência e formar o juízo estético, com base nas duas instâncias de efeito e recepção. (JAUSS, 2002, p. 70)

2

Iser compreende o leitor-implícito como uma referência de sistema de textos, cujo pleno sentido se alcança pelo processo de atualização sobre ele realizado. Ver *O ato da leitura* (1996).

3

Em pequena análise sobre a tragédia grega Ifigênia e releituras feitas por Racine e Goethe, Jauss tenta demonstrar como essa obra se transformou a partir das relações que estabeleceu com leitores de contextos históricos distintos. Ver *Rezeptionsästhetik* (1975).

4

Ver a crítica feita por Luiz Costa Lima em *O leitor demanda (d)a literatura* (2002).

Logo, ao descrever o modo de aplicação das suas teses às obras literárias, Jauss chama atenção para a relação dialógica entre leitores e obra, afirmando que as atualizações são regidas pelo horizonte de expectativas, tanto da obra quanto dos leitores. A reconstrução desse horizonte de expectativas social, admitia Jauss, era o elemento mais complicado no exame analítico das obras literárias. O horizonte de expectativas internas à obra era menos problemático, na medida em que era derivável do próprio texto. Além disso, a teoria do efeito estético proposta por Iser tinha como base fundamental a noção de leitor-implícito² (que já indicava as marcas que o texto carregava, supondo informações, repertório e valores comuns).

Jauss, não obstante essa dificuldade, propõe tomar o conjunto de “críticas” e “comentários” contemporâneos à obra como um discurso capaz de revelar o horizonte de expectativas social da época e, nesse sentido, de contribuir para a compreensão dos modos como ela foi lida, avaliada e transmitida à posteridade³. Essa proposta repousa na tese segundo a qual à medida que ocorre distanciamento estético da obra em relação ao seu contexto de surgimento, o conjunto de interpretações que dela se fez é transmitido e incorporado numa espécie de história social dos efeitos. Assim, a teoria estético-recepcional não apreenderia somente o sentido da obra literária no eixo sincrônico (o das manifestações de um mesmo tempo) como também no eixo diacrônico, o que possibilitaria tratar dos sistemas de relações que existem entre manifestações expressivas e momento histórico-cultural.

É interessante ressaltar ainda um elemento que ocupa posição privilegiada na proposta de Jauss: a sua compreensão de *experiência estética* a partir das formulações de Kant e Aristóteles. Fundamentalmente porque parte das críticas dirigidas ao autor é decorrente da suposição do funcionamento da sociedade a partir do *sensus communis* kantiano e se converterá como fragilidade a ser superada pelos herdeiros da Estética da Recepção – sobretudo na obra de Hans Ulrich Gumbrecht⁴.

A experiência estética que Jauss descreve se caracterizaria pela atitude de fruição em três planos distintos, porém simultâneos e complementares: o da consciência como atividade produtora (*poiesis*), o da consciência como atividade receptora (*aisthesis*) e ao plano da reflexão que se identifica com a ação (*katharsis*). Desse modo, ela sempre tende a se opor ao empobrecimento da experiência acrítica da linguagem, na medida em que renova a percepção, permitindo ao fruidor uma abertura à experiência do outro. A experiência estética cria consenso, é a base da comunicação.

Embora tenhamos, até o momento, apresentado as teses da teoria estético-recepcional muito mais como premissas ou como procedimentos de análise que propriamente como uma metodologia, é necessário deixar claro que o diálogo que Jauss estabelecia com a hermenêutica filosófica contribuía decisivamente para a construção

5

Nem Aristóteles nem Kant fazem distinção quanto a possibilidade de se experienciar esteticamente qualquer objeto ou fenômeno da vida cotidiana. Para Aristóteles, a atividade mimética apresenta uma universalidade maior que a história, por exemplo. Kant afirma que o juízo de gosto da comunidade, e não de críticos especializados, é a condição para reflexão estética.

de uma metodologia de investigação – de fato, a constituição do grupo *Poetik und Hermeneutik* foi marco para a ampliação das preocupações metodológicas. A incorporação feita ao projeto da escola é a reflexão sobre o *jogo de pergunta e resposta* que se dá entre as obras e seus leitores – questão que Jauss deve a Hans Georg Gadamer.

A hermenêutica literária tem por tarefa interpretar a relação de tensão entre o texto e a atualidade como um processo, no qual o diálogo entre autor, leitor e novo autor refaz a distância temporal no vai-e-vem de pergunta e resposta, entre resposta original, pergunta atual e nova solução, concretizando-se o sentido sempre doutro modo e, por isso, sempre mais rico (JAUSS, 2002, p. 79)

Nesse momento, o projeto da Estética da Recepção de Jauss torna-se mais ambicioso. A questão agora não é apenas examinar a relação da experiência literária com a experiência histórica, mas buscar na hermenêutica filosófica conceitos que permitam promover uma revisão teórica da literatura. Partindo da idéia de que a experiência estética possui de antemão um componente cognitivo, a teoria estético-recepcional reivindica, a partir das noções de fruição compreensiva e compreensão fruidora, que “só se pode gostar do que se entende e compreender o que se aprecia” (ZILBERMAN, 1989, p. 53).

Isso significa que a noção de experiência estética de Jauss, desenvolvida a partir da hermenêutica filosófica, vai se caracterizar por um acentuado caráter *cognitivista*, o que leva o autor a apresentar as possibilidades de reconhecimento, frustração ou ruptura das expectativas no encontro entre leitores e obra. Nesse sentido, mesmo reivindicando Kant e Aristóteles como bases de sua teoria, Jauss se fundamenta numa compreensão de experiência estética como fenômeno ligado a um determinado conjunto específico de manifestações expressivas⁵.

À medida que avança no desenvolvimento de sua hermenêutica literária, Jauss concomitantemente deixa mais explícitas fragilidades da teoria estético-recepcional, como aponta Costa Lima (2002). A primeira, conseqüência da leitura de Gadamer, é compreender a hermenêutica filosófica como uma ciência da interpretação dos textos. Desse modo, o que antes se apresentava como possibilidade de compreender a relação entre obras e leitores, horizontes de expectativas sociais e dos textos, se converte num privilégio ao leitor ideal. Bem verdade que se trata de um leitor ideal histórico, reconstruído mediante a coleta das “críticas” e “comentários” contemporâneos à obra, mas ainda assim uma abstração.

A segunda fragilidade se traduz como uma negligência aos aspectos situacionais envolvidos tanto no momento de efeito da obra como no seu processo de recepção e transmissão para a posteridade. Jauss, em nenhum momento, se preocupa em demonstrar como esses elementos se convertem em questões fundamentais para a experiência

literária – pode-se dizer que o efeito de uma obra como *Édipo Rei*, originalmente uma tragédia teatral, equivale ao efeito da leitura desse texto? Não deixa de ser irônico, portanto, que o autor faça comentários sobre a experiência estética em relação aos *mass media* em *A estética da recepção: colocações gerais*.

Oportunamente, cabe assinalar a contribuição que a escola de Constança pode oferecer para o tratamento das relações entre manifestações expressivas e fruidores – sejam elas filmes, novelas ou canções – desde que não se tome o trabalho de Jauss como definitivo. Cabe compreender a repercussão das teses expostas no desenvolvimento de trabalhos de outros autores, sensíveis, justamente, aos flancos deixados em aberto por Hans Robert Jauss. Buscamos apresentar esses trabalhos no tópico seguinte.

Performance, materialidade e meios de comunicação de massa

Em que medida a investigação sobre esse “fruidor ideal histórico” pode se converter numa teoria que compreenda a relação que se estabelece entre os fruidores, de fato, e as manifestações expressivas? Quais passagens precisavam ser feitas para que o desenvolvimento das teses de Jauss chegasse aos limites da literatura e transpusesse o domínio dessa expressão artística? As respostas para essas perguntas, entretanto, não vieram somente como conseqüências da obra desse autor, mas concomitante a ela, de algum modo. À medida que as teses da teoria estético-recepcional se tornavam mais conhecidas, autores diversos passavam a empregá-las para a compreensão de outros fenômenos expressivos. O medievalista Paul Zumthor é exemplo disso.

Nascido na Suíça, em 1915, Paul Zumthor pode ser considerado um dos autores que mais explorou os limites da literatura. Evidenciando que a experiência canonizada como Literatura não passa de um fenômeno histórico bastante recente (meados do século XVII), o autor questiona a legitimidade de construir uma teoria do poético cujo cerne seja a especificidade da palavra escrita. Enfatizando as manifestações expressivas medievais, como a poesia oral e a prática dos trovadores, o autor destaca sua poeticidade e aponta os limites de pensar a experiência estética como do campo exclusivo das belas letras.

Bruno Leal (2006) caracteriza Zumthor como um leitor crítico e solidário à escola de Constança e afirma que suas preocupações recuperam as propostas de Jauss numa perspectiva antropológico-comunicacional, na medida em que evidenciam, sobretudo, a corporeidade da relação entre manifestações expressivas e fruidores. Essa dimensão plástica, portanto, é constitutiva de qualquer experiência estética.

Um texto, em si mesmo, não é nada, a não ser um ruído, amontoado, barulho; o termo, então, designa uma virtualidade, na dependência de um receptor que a concretize, uma estrutura de apelo que necessita ser atualizada por um tal indivíduo, numa situação comunicacional específica. Esse texto, então, performa-se para esse indivíduo, nesse contexto particular irrepitível (LEAL, 2006, p. 81).

A chave que Zumthor encontra, segundo Bruno Leal, para explicar o que ocorre no encontro da manifestação expressiva – seja ela literatura ou poesia oral – com o fruidor é o caráter performático da relação. A performance é o momento de preñificação da virtualidade do texto numa forma dinâmica que organiza a situação comunicacional específica. Nesse sentido, o autor oferece um modo de compreensão das manifestações expressivas que não se resume à interpretação dos textos numa atividade de aplicação e reconhecimento de códigos, de aplicação e reconhecimento de regras de gênero, mas, sobretudo, de um saber fazer que modifica o conhecimento e a prática mesmo performativa. A hermenêutica filosófica, compreendida por Jauss como uma ciência da interpretação dos textos, retoma sua concepção mais existencial e pragmática de um saber-sobre-o-mundo e da interpretação das ações do ser-no-mundo.

Da poesia oral, Zumthor passa a examinar modos de mediação com o poético que se apropriam dos meios e produtos da comunicação de massa. O autor deixa claro em obras como *Performance, recepção e leitura* (2000) e *Escritura e nomadismo* (2004) que manifestações expressivas como o Rock evidenciam, a partir das suas características performáticas, que o que está em jogo na relação entre obra e fruidor não é somente competência cultural, mas também uma disposição corporal, um certo uso do corpo que parece ter sido negligenciado nas teorias literárias – inclusive na Estética da Recepção. À medida que Zumthor prossegue nos desenvolvimentos de sua tese sobre a condição performática da relação entre obra e fruidor, se vê uma gradual materialização da atividade de leitura da escola de Constança, não mais entendida no âmbito ideal, mas como uma interação concreta.

Esse se constitui como um desenvolvimento fundamental das teses da teoria estético-recepcional, pois vai circunscrever um domínio de investigação do momento mesmo em que a fruição ocorre, que engloba, pelo menos, dois pontos importantes deixados em aberto por Jauss: a) a dimensão físico-sensual da experiência, sua condição corporal e b) a natureza da relação entre fruidor e obra na maneira como esta se apresenta.

A partir das formulações feitas por Zumthor, Heloísa Valente (2003) desenvolve um terreno de pesquisas sobre as canções nos *Media* e faz uma apropriação das discussões iniciadas pela escola da Constança aos meios e produtos da comunicação. Destacando efetivamente o papel da voz do cantor e das especificidades do suporte

6

A sociologia da comunicação a que Gumbrecht se refere tem influência profunda de Alfred Schütz e Thomas Luckmann, além de Niklas Luhmann.

na experiência musical contemporânea, a autora apresenta um percurso de análise promissor para ser empregado por pesquisadores do campo da Comunicação. A nossa própria pesquisa, Cardoso Filho (2007), também propõe uma perspectiva de análise da canção mediática que aciona aspectos performáticos e emprego poético das tecnologias para compreender que tipo de experiência manifestações como o Rock propõem aos seus ouvintes.

A performance poética implica uma paixão, um mover-se que modifica o conhecimento já estabelecido no eu, na emergência de um desejo de realização. O outro dessa paixão é um "texto", integrado a uma situação de comunicação em que o prazer submete – sem apagar – a "informação", "teatralizada" dessa forma. Tal perspectiva, se coerente com um olhar histórico sobre o fenômeno literário, por outro, surge como provocador no campo da comunicação. Se "poesia" é um conceito histórico, será que não estamos desprezando intensa poesia ao desligarmos a TV? (LEAL, 2006, p. 83).

O que os três autores parecem estar chamando em causa, após reconhecerem a dimensão performática implícita na relação com qualquer *medium* para se tornar uma manifestação expressiva (música, TV ou literatura), é a materialidade do processo comunicativo, o modo como essa materialidade impulsiona determinados tipos de interação entre o "percebedor" (*perceiver*) e essas manifestações expressivas. Nesse ponto, a obra de Hans Ulrich Gumbrecht – aluno e assistente de Jauss em Constança – se constitui como referência.

Tendo se colocado, desde o início, como um crítico da Estética da Recepção, Gumbrecht tenta demonstrar que não se pode reivindicar uma mudança de paradigma inaugurada com as reflexões de Jauss por dois motivos: Jauss não apresenta suficiente especificação de novas questões que constituam um paradigma (ao contrário, se fundamenta numa interpretação ideal das obras), tampouco propõe um caminho de integração entre crítica literária e sociologia da comunicação⁶. Daí sua principal crítica à escola de Constança:

A questão, no entanto, é que a discussão crítica não pode mais ser principalmente considerada como um processo motivado por uma idéia de perfectibilidade, em que o leitor ideal convergisse para o significado correto, mas sim, como um esforço reconstrutivo cujo propósito é compreender as condições sob as quais vários significados de um determinado texto são gerados por leitores cujas disposições receptivas possuem diferentes mediações históricas e sociais (GUMBRECHT, 1998a, p. 24-25).

O grifo na questão das mediações é importante na constituição da noção de materialidade cunhada pelo autor – que, pouco a pouco, constrói aquela especificação de questões necessárias a um paradigma, ausentes nas teses iniciais de Jauss. O argumento de Gumbrecht é que, mesmo antes da institucionalização da hermenêutica como disciplina filosófica, o sujeito da modernidade apreende o mundo

7

Gumbrecht descreve o modo como desenvolveu sua compreensão de "presença", de maneira mais clara, em *Production of presence* (2005), e relata como as preocupações com essa característica permearam boa parte de sua obra.

8

Da oposição básica da semiótica entre plano de expressão e plano do conteúdo, Hjelmslev acrescenta uma segunda divisão, proveniente da teoria aristotélica, entre forma e substância. Desse modo, é possível tematizar as formas e substâncias da expressão, bem como as formas e substâncias do conteúdo.

dos objetos como uma superfície, decifra seus elementos como significantes e dispensa-os, como pura materialidade, assim que lhes atribui um sentido.

O campo hermenêutico produz o pressuposto de que os significantes de uma superfície material do mundo nunca são suficientes para expressar toda a verdade presente na sua profundidade espiritual, e, portanto, estabelece uma constante demanda de interpretação como um ato que compensa as deficiências da expressão (GUMBRECHT, 1998b, p. 13).

Entretanto, as sucessivas crises pelas quais passa o campo hermenêutico indicam a possibilidade de especificar um novo conjunto de questões vinculadas à relação entre objetos do mundo e seus "percebedores" sem dispensar sua materialidade – a música, as imagens da mídia eletrônica, o entusiasmo de assistir e praticar esportes são todos exemplos apresentados por Gumbrecht para sustentar esse conjunto de fenômenos que não se deixam apreender pelo mero processo interpretativo. Mas, sobretudo, pela presença, intensidade e pela percepção⁷.

Conseqüentemente, ao se armar dos princípios hermenêuticos gadermianos, Jauss teria relegado a dimensão expressiva da literatura a um processo de produção e busca do sentido, de ultrapassagem da expressão através da interpretação, negligenciando a materialidade e os modos como os sentidos emergem, uma das mediações histórico-sociais de fundamental importância, mas que não se constituem objeto de preocupação de Jauss.

O conjunto de fenômenos que se caracterizam pela convergência à problematização do ato interpretativo, como acima descrito, Gumbrecht denomina campo não-hermenêutico (boa parte das manifestações expressivas mediáticas poderiam ser inseridas nesse campo). O interessante é que o autor não se limita a apresentar novas especificações para reflexão, mas propõe um modo de compreender os fenômenos do campo não-hermenêutico a partir da teoria semiótica de Louis Trolle Hjelmslev⁸. Como conseqüência:

No ambiente hermenêutico, a pergunta mais importante se refere às condições de resgate de um sentido cuja existência se tomava por incontestável. Em outras palavras, o questionamento radicalizou-se: não mais procuramos identificar o sentido, para logo resgatá-lo; porém, indagamos das condições de possibilidade de emergência das estruturas de sentido (GUMBRECHT, 1998c, p. 147).

É fundamentado nos eixos da semiótica de Hjelmslev que se apresenta, segundo Gumbrecht, um caminho definido para a compreensão dessas condições de emergência do sentido. De fundamental importância para o campo da comunicação parece ser o eixo das formas da expressão, ou seja, o eixo da materialidade do significante, pois é justamente nele que encontramos os aspectos físico-sensuais apontados por Zumthor como decisivos para a experiência dos mais diversos fenômenos contemporâneos (a modulação da voz na música, a exploração da

granulação na imagem, seja da fotografia ou do cinema, a plasticidade dos eventos esportivos transmitidos pela TV etc.).

Ao explorar esse ponto do campo não-hermenêutico, Gumbrecht deixa espaço para o estabelecimento de relações entre a materialidade do significante e a experiência estética, por exemplo, questão não tematizada por Jauss ao falar da experiência literária. Mais importante, permite uma aproximação entre as teses da teoria estético-recepcional e as manifestações expressivas da cultura mediática.

Na medida em que a manifestação expressiva não é mais compreendida como suporte transmissor de um conteúdo *a priori* (o sentido), mas como uma ambiência que convoca, estimula e se modifica na relação com o “percebedor” (que pode ser modificado na relação), ressaltamos duas características: a) a perspectiva nitidamente comunicacional dos processos de “produção da presença” e b) uma das condições de possibilidade de partilha do sentido calcada na própria natureza do *medium*.

Essas características, que se constituem como desdobramentos das teses iniciais da escola de Constança, entretanto, não devem ser tomadas como uma consequência natural do projeto de Jauss. Podem, inclusive, ter se desenvolvido apesar dos esforços da escola – afinal, toda a preocupação do autor estava relacionada ao campo hermenêutico. Evidentemente, a preocupação relacional entre gêneros expressivos e séries culturais que marcou o enquadramento da teoria estético-recepcional no exame dos produtos culturais é preservada, tanto na obra de Zumthor quanto na de Gumbrecht, mas o acento relacional entre técnica e sensibilidade é incorporado devido à própria natureza dos produtos culturais contemporâneos.

Se num primeiro momento a distinção entre efeito e recepção, horizonte de expectativas dos textos e dos leitores e jogo de pergunta e resposta foi decisiva para compreender que só há Literatura quando há um sujeito-leitor que atualiza as obras, os desenvolvimentos da Estética da Recepção apontam que a atualização das obras é de natureza performativa (encerra um saber-fazer de orientação pragmática) e que essa performatividade é modulada, entre outras coisas, pela própria materialidade do significante. Percebe-se, de maneira geral, uma forte continuidade metodológica no que concerne propriamente ao modo de investigação e um aprofundamento significativo das dimensões que compõem a experiência do fruidor na relação com as manifestações expressivas.

Considerações finais

Quando a conferência de abertura de Jauss foi proferida, em 1967, uma complexa reestruturação no panorama acadêmico e cultural europeu estava em curso, elemento que contribuiu para a assimilação

das suas teses pelo movimento estudantil e intelectual. O deslocamento do cerne de discussão sobre a Literatura para o leitor, e não mais o texto, deu ênfase à interlocução das obras com seus fruidores e a preocupação com os eixos sincrônicos e diacrônicos nos quais as obras são experienciadas complexificou a compreensão do processo de emergência do sentido. Com isso, inaugurou-se a possibilidade de estudar a recepção a partir de marcas e indícios presentes tanto na obra como no tecido cultural.

A repercussão dessas teses ecoou também no universo acadêmico brasileiro, sobretudo nos estudos do campo das Letras e Literatura (quando estruturalismo e estudos culturais não tinham se firmado como tradições de investigação tão fortes). No entanto, a construção de categorias como *leitor-implícito*, *leitor ideal*, *leitor-modelo* ou *metaleitor* sempre provocou fortes dúvidas sobre o que era, de fato, esse leitor que a teoria estético-recepcional enfocava. Pouco a pouco, as pesquisas se voltariam para as estruturas do texto ou para os movimentos de apropriação dos leitores, abandonando as formulações iniciais da escola de Constança.

Foi de maneira tímida que, no âmbito das discussões do campo da Comunicação no Brasil, as teses da Estética da Recepção foram tomando forma e gerando debates sobre sua aplicabilidade aos produtos midiáticos, como apontou Valverde (2000). Embora as leituras feitas por Zumthor e Gumbrecht já estivessem disponíveis em francês e alemão, no início da década de 80, foi somente após a tradução de suas obras para o português que os pesquisadores brasileiros iniciaram investigações mais sistemáticas a partir dos caminhos apontados pelos dois autores.

A partir do enfoque antropológico-comunicativo proposto por Zumthor e da ênfase nas materialidades proposta por Gumbrecht, Cardoso Filho (2007), Leal (2006 e 2005) e Valente (2003) demonstram que é possível pensar metodologias de investigação coerentes com as formulações de Jausse para os meios e produtos da comunicação. Demonstram também que as reivindicações de experiência estética a partir dos produtos da cultura midiática passarão por uma reflexão sobre a dimensão corporal e pragmática associada a qualquer experiência.

Percebe-se, desse modo, que o desenvolvimento da chamada Estética da Comunicação pode florescer mediante a incorporação dos temas debatidos por Jausse e pelos pensadores solidários e críticos da Estética da Recepção. Uma vez que estes se voltam para o estudo da relação entre experiência estética e experiência da comunicação, compreende-se que a possibilidade de êxito em captar a partir de quais circunstâncias e sobre quais condições produtos e percebedores se constrói mutuamente no ato de fruição.

Referências

- CARDOSO FILHO, Jorge. Poética da canção mediática: exploração das estratégias de confecção de materiais expressivos não-hermenêuticos. **Anais da XVI COMPÓS**: Curitiba, UTP, 2007.
- COSTA LIMA, Luiz. **O leitor demanda (d)a literatura**. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Pequenas crises**: experiência estética nos mundos cotidianos. *Comunicação e experiência estética*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- _____. **Production of presence**. Stanford: Stanford University Press, 2004.
- _____. **As conseqüências da estética da recepção**: um início postergado. *Corpo e forma: ensaios para uma crítica não hermenêutica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998a.
- _____. **Modernização dos Sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998b.
- _____. **O campo não-hermenêutico ou a materialidade da comunicação**. *Corpo e forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998c.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____. **Prospecting**: from reader response to literary anthropology. Baltimore/ London: The Johns Hopkins University Press, 1993.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação a teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. **A estética da recepção**: colocações gerais. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- _____. **O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis**. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- _____. **Pour une esthetique de la reception**. Paris: Gallimard, 1990.

_____. **Experiência estética y hermenêutica literária:** ensayos em el campo de la experiencia estética. Madrid: Taurus Humanidades, 1992.

LEAL, Bruno. **A poesia que a gente vive, talvez.** Comunicação e experiência estética. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

_____. A gente se vê por aqui: a realidade da TV numa perspectiva recepcional. *Revista FAMECOS*, 2005, nº 28, pp. 37 – 44.

ROCHA, João Cezar. **A materialidade da teoria.** *Corpo e forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica.* Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

sÁ, Simone. Explorações da noção de materialidade da comunicação. **Contracampo**, UFF. 2004, volume 10/11, pp. 31 – 44.

VALENTE, Heloísa. **As vozes da canção na mídia.** São Paulo: Via Lettera/Fapesp, 2003.

VALVERDE, Monclar. **Estética e recepção. Comunicação e Corporeidades.** Ceará: UFPB, 2000.

ZILBERMANN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura.** São Paulo: Ática, 1989.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura.** São Paulo: EDUC, 2000.

_____. **Escritura e Nomadismo.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.